

BIOGRAFIAS E EDUCAÇÃO HISTÓRICA: VIDAS EXEMPLARES NA REVISTA *O TICO-TICO* DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

BIOGRAPHIES AND HISTORICAL EDUCATION: EXEMPLARY LIVES IN THE MAGAZINE *O TICO-TICO* DURING BRAZILIAN FIRST REPUBLIC

Roberta Ferreira Gonçalves¹

Endereço Profissional: Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Hidrolândia

Cep. 75340-000

Hidrolândia - GO, Brasil

Email: robertagon@yahoo.com.br

Resumo: A utilização das biografias é recorrente na educação de crianças e jovens e obedece a diferentes objetivos pedagógicos, sociais e políticos. Na revista *O Tico-Tico* (1905-1962), a vida de personalidades célebres da história tinha caráter exemplar e visava apresentar modelos de conduta e de compreensão do passado para os jovens consumidores. O presente artigo pretende refletir sobre os usos da biografia de caráter exemplar, tendo a revista infantil como fonte e objeto de análise, e a Primeira República como recorte temporal privilegiado.

Palavras-chave: Biografia, História da Educação, Ensino de História.

Abstract: The use of biographies is recurrent in children's and young people's education and obeys different educational, social and political objectives. In the magazine *O Tico-Tico* (1905-19062), the lives of famous personalities had an exemplary character and aimed to present role models and historical understanding for young consumers. This article aims to reflect on the uses of biography of exemplary character, having the magazine *O Tico-Tico* as a source and object of analysis and the Brazilian First Republic as a privileged time frame.

Keywords: Biography, History of education, History Teaching.

¹ Professora no Instituto Federal Goiano, Campus Hidrolândia. Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em 2019 defendeu a tese *As Aventuras d'O Tico-Tico: formação infantil no Brasil Republicano*, com o financiamento da CAPES. Atua em pesquisas no campo do ensino de história, história da imprensa e da leitura e história da infância.

Passado e presente: As biografias como narrativas formadoras

A biografia de Frederico Cook tem uma moral bem clara, não é verdade? Tão clara que nem sequer a apontamos aos meninos, pois temos a certeza que todos a compreenderam.
Quem mal começa...²

O trecho acima, retirado da biografia do explorador norte-americano Frederick Cook publicada na revista *O Tico-Tico* de julho de 1949, inicia-se com uma espécie de “causo”: quando menino, Cook teria ludibriado o pai ao dizer ter recebido um prêmio de melhor aluno na escola. Em consequência de sua condecoração escolar, o pai teria lhe presenteado com uma moeda de ouro. Mais adiante, o texto narra como, já adulto, o explorador teria novamente sido desonesto, enganando a todos ao dizer que pisara no Polo Norte durante expedição realizada em 1908. A narrativa biográfica em questão pretendia mostrar aos leitores que existia um elo entre a infância e a vida adulta do personagem, apresentando a mentira como um traço permanente do caráter do biografado. Sua falha de personalidade já estava apresentada desde a tenra idade, ganhando apenas substância com o passar dos anos. Seu objetivo era mostrar aos leitores que a índole e a moral começam a ser definidas ainda na infância, o que justificaria uma educação voltada aos bons valores. Para o autor anônimo da breve biografia, não por acaso intitulada *O explorador mentiroso*, a moral explícita na história de Cook seria pedagógica, fazendo os leitores travarem contato com a história de um conhecido explorador e, ao mesmo tempo, observarem um modelo de conduta a não ser seguido.

Narrativas biográficas como essa eram frequentes na revista *O Tico-Tico*. Dos seus primeiros anos até o encerramento de suas atividades, as biografias se fizeram presentes na publicação, o que indica sua importância como narrativa formadora para crianças e jovens leitores. Elas pareciam seguir dois princípios básicos: de um lado, informar os leitores dos feitos e conquistas de

2 O Tico-Tico, Junho de 1949, Nº 1963, p. 12.

personagens célebres da história nacional e universal; e, de outro, disseminar uma moral a partir de trajetórias exemplares, que revelariam padrões de comportamento a serem seguidos ou não pelas crianças. Essa dupla função da biografia na revista aponta que ela servia tanto à educação histórica como à construção moral dos leitores.

A assiduidade com que as narrativas biográficas apareciam em diferentes espaços e publicações destinadas à formação do público infantojuvenil traz à tona o debate sobre o lugar da biografia na educação. Atualmente, sua utilização é corrente em diversas disciplinas, servindo para sensibilizar os estudantes acerca da importância das trajetórias individuais no mundo social e como mecanismo de construção de uma empatia histórica³. O uso de biografias com fim educativo, no entanto, não é algo recente, e *O Tico-Tico* é indicativo disso. Ensinar através de biografias tem, também, a sua historicidade e obedece a diversos objetivos e intenções sociais e políticas. Como destaca Maria da Glória de Oliveira, o gênero biográfico não pode ser pensado como um gênero estático e homogêneo. Como gênero discursivo, ela dialoga com diferentes tradições e práticas letradas, e mesmo quando aplicada à educação, não deve ser pensada sem sua articulação com a história, a memória e a ficção⁴.

No campo da história, os estudos sobre biografias estiveram em descrédito por um longo período durante o século XX, mas, nas últimas décadas do mesmo século, voltaram a ganhar fôlego⁵. Debates em torno da crise das análises totalizantes, a emergência de uma história cultural e política renovadas, o retorno da narrativa e as críticas à supressão do sujeito na história, contribuíram para dar novo fôlego às investigações ligadas às histórias particulares. O que se viu emergir não era mais a história dos protagonistas

3 LEE, Peter. "Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé": compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, Isabel. *Educação Histórica e Museus*. Minho, Pt: Centro de Investigação em educação; Instituto de Educação e Psicologia: Universidade do Minho. p. 19-36, 2003, p. 20.

4 OLIVEIRA, Maria da Glória de. As vidas de um gênero: biografia, história e ficção. *Diálogos*, v. 21, nº 2, 2017, p. 24.

5 LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, Réne (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 141-184, p. 141.

heroicos que serviam à história da nação, tal como era frequente na historiografia do século XIX, mas uma história interessada nas experiências, a um só tempo, comuns e singulares⁶. Em vez de identidades fixas característica das narrativas modelares, o gênero biográfico passou a se interessar pela representação de trajetórias plurais, mutáveis e paradoxais, que representam o complexo confronto do indivíduo com a temporalidade⁷.

No ensino de história, a biografia, antes usada pedagogicamente para reforçar uma história a serviço da exemplaridade e da nação, renasce como um recurso estratégico nas propostas de renovação do processo de ensino e aprendizagem histórica. A necessidade de romper com concepções tradicionais, lineares e afeitas a celebrar acriticamente a trajetória de elites políticas exige a associação entre diferentes estratégias, métodos e fontes. O uso contemporâneo das biografias no ensino está relacionado não apenas a necessidade de novas ferramentas de compreensão histórica, mas sobretudo diz respeito às novas forças sociais que, cada vez mais, reivindicam o direito à memória e à representação. Neste contexto, as biografias ajudam a aprofundar a experiência democrática do ensino de história, chamando atenção para a diversidade da experiência humana, assim como à valorização dos conhecimentos prévios dos alunos a partir de suas vivências locais, comunitárias e particulares.

O objetivo deste artigo é refletir sobre os usos da biografia de caráter exemplar a partir das publicações da revista *O Tico-Tico* durante a Primeira República, procurando analisar como elas serviram à ideia de formação empreendida por editores e colaboradores da publicação. Recorrendo a essa experiência do passado, na tentativa de entender como as narrativas biográficas eram mobilizadas de maneira educativa por um veículo de massas, esperamos ajudar a iluminar a relação entre biografia, história e educação em

6 LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. P. 225-249. p. 244.

7 OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Topoi*, v. 18, nº 35, maio-agosto 2017, p. 437.

diferentes contextos, abrindo caminho para discutir os perigos e possibilidades das biografias no ensino de história.

O Tico-Tico a serviço de uma *pedagogia da nacionalidade*

A revista *O Tico-Tico* foi um periódico infantil ilustrado de circulação nacional publicado entre 1905 e 1962. Editado no Rio de Janeiro, o impresso foi elaborado como um empreendimento cultural destinado a dar lucro a um grupo jornalístico que se constituiu empresarialmente nos primeiros anos do século XX. Ela é resultado de uma das primeiras experiências de segmentação de impressos da *Sociedade Anônima O Malho*, empresa conhecida por publicar a revista política e satírica *O Malho*.

A investida dirigida ao público infantil, no entanto, trazia algumas particularidades e desafios ao grupo de editores. Acostumados à crítica política e à crônica através da caricatura, precisaram incorporar uma nova linguagem que fosse, ao mesmo tempo, sensível e instigante ao novo público. Para conseguir respaldo não apenas dos pequenos leitores, mas principalmente de pais e educadores, os editores do periódico deveriam se comprometer com o entretenimento infantil e com a sua educação, assumindo o papel de intelectuais mediadores, conforme definiu Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen⁸. Na definição das autoras, esses intelectuais se enquadram em uma categoria de pessoas capazes de se apropriar e de fazer circular ideias e discursos políticos, que renovam e constroem significados. Também são responsáveis por criar redes e construir espaços propícios para “novas maneiras de pensar e sentir”⁹.

Comprometer-se com o debate educacional não parecia difícil para os intelectuais e homens de imprensa naquele contexto. Os primeiros anos da

8 HANSEN, Patrícia Santos & GOMES, Angela de Castro. *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

9 *Ibidem*, p. 33.

República foram marcados por um frutífero debate sobre o tema¹⁰. Diversos setores da sociedade – políticos, intelectuais, pedagogos e professores – vão ver urgência no debate sobre educação e no enfrentamento das altas taxas de analfabetismo do país, vistos como uma forma de atualização da sociedade¹¹. Ainda no Império, surgiram os primeiros diagnósticos em torno da necessidade de ampliar o investimento em educação, com a diversificação de políticas e instituições escolares¹². No entanto, o debate ganhou novo fôlego com a República, em especial entre aqueles intelectuais que viam a educação como saída para os males da nação e o novo regime como uma oportunidade para o enfrentamento da questão educacional no país.

A República aparecia como um horizonte de possibilidades para o engajamento de diversos setores da sociedade, sobretudo dos intelectuais vistos como homens com dever público e político. Debruçar-se sobre os problemas nacionais e refletir sobre a “verdadeira face da nação”¹³ era um caminho essencial para a proposição de projetos e soluções que visavam a intervenção social e cultural. O tema da educação foi o campo escolhido por muitos, tanto para dirigir críticas aos rumos até então trilhados no país, como para apresentar soluções de futuro.

Ao defenderem uma dimensão pedagógica para o projeto editorial d’*O Tico-Tico*, os editores da revista aderiram ao discurso da *educação redentora*¹⁴, publicando a nova revista infantil como um apoio informal à instrução escolar. Para isso, a revista publicou seções com lições de língua portuguesa, moral e civismo, história, geografia e ciências, ao lado de um conteúdo variado de entretenimento, como folhetins, passatempos, jogos e brinquedos de montar. Essa diversidade nos conteúdos e abordagens ajudava também a construir a

10 NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EDPU, Edusp, 1974.

11 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 79.

12 GONDRA, José Gonçalves & SCHUELLER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008, p.11.

13 LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a Nação*. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 19.

14 BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a Nação em busca de seus portadores sociais*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002, p.50

ideia de uma revista moderna, comprometida com a transformação da sociedade.

As publicações da revista buscavam seguir a noção de *ensinar-brincando*, uma estratégia pedagógica presente em impressos como os almanaques, para apresentar conteúdos educativos de maneira leve e lúdica¹⁵. O uso do jogo e da brincadeira nas lições didáticas tinha o objetivo de sensibilizar os leitores, aproximando sua abordagem do método intuitivo, que se tornou bastante popular entre os pedagogos brasileiros nas primeiras décadas do século XX¹⁶. O método questionava o processo de escolarização que priorizava a memorização e a repetição, dando maior ênfase ao conhecimento sensível, à observação e à intuição do aluno. Essa tentativa de aliar o lúdico ao educativo, as lições à brincadeira, trazia implícita também a ideia de controlar o tempo livre da criança com material educativo, para que a educação, pensada de maneira ampla, penetrasse também no tempo de ócio infantil.

O projeto formador da revista buscou seguir uma *pedagogia da nacionalidade*¹⁷. Em seus conteúdos lúdicos, variados e, sobretudo, educativos, a revista procurava produzir, selecionar e acumular saberes que permitissem aos leitores construir referências e leituras sobre o mundo e, em especial, sobre o Brasil. A publicação de narrativas biográficas era uma das facetas dessa pedagogia. Além de apresentar aos leitores a trajetória de personagens célebres, ressaltando a participação desses indivíduos em momentos expressivos da história brasileira e estrangeira, as narrativas biográficas aproveitavam para destacar elementos do caráter que ajudassem a construir modelos de conduta. Militares, políticos e conquistadores, assim como cientistas, inventores, escritores e religiosos integraram o panteão de biografados que deveriam informar aos leitores sobre eventos importantes da história, ao mesmo tempo em que ofereciam referências de comportamento.

15 DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes Literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

16 JOHNSON, Phil Brian. *Rui Barbosa e a reforma: "as lições de coisas"*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

17 DUTRA, Eliane de Freitas. *Rebeldes Literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. *Op. Cit.*

Os diferentes conteúdos e seções publicados na revista encontraram pesos diferenciados durante seus mais de cinquenta anos de circulação. Enquanto nas primeiras décadas, o humor era protagonista de boa parte das publicações, com o passar dos anos, as lições relacionadas a conteúdos escolares ganharam peso mais significativo na revista, que precisava enfrentar a concorrência com outras publicações destinadas ao mesmo público. Nos primeiros anos, a revista parecia uma grande novidade para o público infantil e para os próprios editores, que investiram em experimentação e se espelharam na sua revista para os adultos, sendo *O Tico-Tico* uma espécie de “*O Malho em miniatura*”¹⁸. Com o passar do tempo, assumir um perfil mais educativo parecia uma estratégia mais confortável de atuação, ainda que esse lugar não estivesse livre de tensões.

A partir de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência, e, sobretudo, a partir de 1937, com o estabelecimento do Estado Novo, o conteúdo cívico, moral e educativo ficou mais evidente nas páginas da publicação. A mudança da revista para um perfil mais didático, relacionado também ao realinhamento das expectativas políticas, fez com que as biografias publicadas durante esse período mereçam uma análise destacada, que infelizmente foge ao escopo deste artigo. Por esse motivo, nos concentramos nas biografias publicadas durante a Primeira República, em especial até a década de 1920, quando a revista é remodelada com a entrada de J. Carlos na direção artística do periódico. Nesse período, os editores privilegiaram a interação com os leitores, o que acarretou na diminuição ou mesmo supressão de algumas seções, como as de biografias¹⁹.

18 GONÇALVES, Roberta Ferreira. O Malho, a imprensa empresarial e a criação da revista O Tico-Tico. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*. Vol.8, Nº 1, pp. 259-277.

Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/120284/169133>. Acesso em: 06/10/2020, p. 270.

19 GONÇALVES, Roberta Ferreira. *As aventuras d'O Tico-Tico: formação infantil no Brasil republicano (1905-1962)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019, p.47-51.

Biografias sob a ótica da *historia magistra vitae*

As biografias publicadas na revista *O Tico-Tico* se constituíam como um gênero híbrido. Elas serviam tanto à história, visto que representavam uma forma de uso do passado, como também desempenhavam uma função moral. Tais dimensões não eram excludentes, já que essas trajetórias exemplares, aos moldes de uma *historia magistra vitae*, deveriam servir de inspiração para a construção moral do homem moderno²⁰. Através das narrativas biográficas, a história era apresentada aos pequenos leitores como uma coleção exemplar de experiências que deveria funcionar como instruções para a vida do homem no presente e no futuro. Hartog²¹ avalia como as tensões entre passado, presente e futuro existentes em determinados contextos tornam diferentes leituras sobre a história possíveis.

Nas narrativas biográficas publicadas na revista, a aproximação com a história se dava a partir dos exemplos que elas poderiam suscitar às crianças que desenvolviam suas personalidades. Não parecia haver preocupação com as dificuldades em se escrever a vida de um indivíduo e com as dúvidas e incertezas da vida cotidiana²². Sendo assim, as conquistas individuais e coletivas advindas dessas trajetórias estáticas, porém ilustres, eram argumentos para efetivar uma ideia de educação, um projeto formativo, em consonância com uma cultura política que elegeu heróis como mitos morais que serviriam de inspiração para os futuros cidadãos da nascente República.

Durante o Império, a escrita biográfica orientada pela *historia magistra vitae* era frequente nas publicações do Instituto Histórico e Geográfico

20 Sobre a função moral das narrativas históricas ver KNAUSS, Paulo. Uma história para o nosso tempo: historiografia como fato moral. *História Unisinos*, 12(2), pp. 140-147, 2008. DOI: [10.4013/5424](https://doi.org/10.4013/5424). Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5424>. Acessado em: 05/10/2020.

21 HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismos e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

22 LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 169.

Brasileiro e representava uma tentativa de construir uma *retórica da nação*²³. A partir de procedimentos narrativos específicos, ligados aos modos de produzir e ler uma publicação periódica voltada para crianças no início do século XX, ela ainda se fazia presente nas narrativas históricas e biográficas publicadas n'*O Tico-Tico*. No entanto, nesse espaço essas narrativas buscavam entreter os leitores, além de afirmar uma cultura política republicana²⁴.

A apresentação frequente de elementos da personalidade dos biografados nessas narrativas tinha o objetivo de gerar identificação de jovens leitores, que ainda construía sua experiência de vida, com homens cuja trajetória parecia notável. Os traços de caráter das pessoas célebres eram mobilizados como hábitos construídos, adquiridos e transformados ao longo da vida, que se tornavam signos distintivos pelos quais eles eram reconhecidos nessas narrativas²⁵. Esse reconhecimento ajudava a fixar memórias e leituras da história, além de afirmar valores morais e coletivos, através da exemplaridade dessas trajetórias²⁶. As personalidades históricas operavam, então, como figuras de alteridade e de seus comportamentos emanavam valores como fidelidade, resignação, força, lealdade. Mostrar aos leitores exemplos de homens célebres com estas características seria uma forma de enfatizar a importância da preservação desses valores para a construção do indivíduo moderno. Para a revista, essa era uma maneira peculiar de mostrar aos consumidores da publicação o modelo de cidadão que almejavam para o país. Futuros homens que deveriam cultivar uma série de bons modos e sentimentos, em sintonia com valores considerados civilizados, a fim de construir um país novo, renovado pela educação e moral burguesas e republicanas.

23 OLIVEIRA, Maria da Glória de. Biografia e historia magistra vitae: exemplaridade das vidas ilustres no Brasil Oitocentista. *Anos 90*, Volume 22, Nº 42, pp. 273-294, dez. 2015. DOI: [10.22456/1983-201X.48408](https://doi.org/10.22456/1983-201X.48408). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/48408>. Acessado em: 05/10/2020, p. 276.

24 GOMES, Angela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009, p. 85.

25 RICOEUR, Paul. Identidade pessoal e identidade narrativa. In: *O si mesmo como um outro*. São Paulo Martins Fontes, 2014.p. 121-122.

26 OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. Op. Cit., p. 27-28.

Servindo à formação de crianças e jovens brasileiros, as biografias encontravam diversos espaços na revista, nem sempre destacadas em uma única seção. Nos primeiros anos de circulação do periódico, o lugar mais frequente para a publicação dessas narrativas era a seção denominada *Lições de Vovô*, voltada ao aconselhamento dos leitores e, eventualmente, à celebração de datas cívicas e aniversários da revista. A publicação de trajetórias de personalidades públicas dialogava, portanto, com os conselhos exemplares dados por um sábio “vovô” sobre como agir e se comportar. As biografias eram mobilizadas ora para justificar comportamentos e valores que eram objeto de seus ensinamentos, ora em razão de celebrações e homenagens, momentos em que parecia importante trazer à tona os heróis e personagens que celebrizaram eventos históricos. Na edição de número 400, por exemplo, *Lições do Vovô* mobilizou o relato da vida de Leonardo Da Vinci para tratar da importância dos estudos:

Homem de uma extraordinária intelligencia, Leonardo havia previsto o aeroplano. Inventou a machina de voar. Acreditava na possibilidade dos submarinos e dos escaphandristas. (...) Vêem meus netinhos que homens como este são a glória, não só da pátria, que lhe serviu como berço, como de toda a humanidade. Procurem, portanto, pelo estudo se assemelhar a esses grandes vultos, para quem a historia tem páginas de ouro a consagrar os seus feitos²⁷.

A biografia de Leonardo da Vinci apresentada aos leitores d’*O Tico-Tico* destacava seu gênio e suas múltiplas capacidades, mas enfatizava, sobretudo, sua contribuição para as artes técnicas, como a engenharia. Recomendações às crianças para que escolhessem profissões tidas como necessárias à construção de um futuro moderno para o país foram recorrentes, enquanto carreiras mais tradicionais, muito estimadas pelas elites, representariam o atraso²⁸. Esse tipo de leitura era muito difundido na revista, que costumava defender que seus leitores investissem em carreiras técnicas, como as engenharias, em

27 O Tico-Tico, 4 de junho de 1913, n° 400, ano VIII.

28 BOTELHO, André. Educação e Modernidade no Brasil. *Cultura Vozes*, V.93, Nº 1, 1999, pp.122-145, 1999. p.2.

detrimento de profissões mais tradicionais, como o Direito, visto como bacharelesco.

As publicações de tom comemorativo a datas históricas nacionais ou universais também costumavam enfatizar a personalidade dos personagens biografados. Elas funcionavam como mote para abordar a trajetória de vida de um personagem histórico tomada sob conotações heroicas e percebida como uma espécie de síntese de todo um dado processo histórico. Um exemplo pode ser destacado da edição 888, de 1922, que homenageou o navegador Cristóvão Colombo, em razão dos 430 anos do Descobrimento da América. A seção faz breves descrições da vida do explorador genovês, dando maior destaque ao seu caráter arrojado e determinado. A biografia defende que a vida do personagem histórico pode servir de inspiração e, por isso, deve ser conhecida e lembrada pelos leitores: “Honrem, vocês a memória do illustre navegador genovez Christovão Colombo, que, como todo sabio, foi martyr da inveja e da calumnia dos ambiciosos”²⁹.

Adjetivos como “ilustre”, “sábio” e “mártir” ajudam a despertar sentimentos de admiração e identificação dos leitores junto a um personagem como Colombo. Como mostra Leonor Arfuch, o desejo de identificação é uma particularidade da trajetória do sujeito no tempo. A emergência do privado como um espaço de interesse na sociedade moderna reforça ainda mais o entusiasmo pelas diferentes formas da escrita de si. A formação desse *espaço de interioridade*³⁰ foi acompanhada da imposição de comportamentos e regras que afetam a todos, substancialmente forte na infância e identificada como o momento de amadurecimento da personalidade e de formação social.

Não à toa, as crianças foram os principais focos de investimento de políticas que visavam o desenvolvimento de uma cultura histórica na Primeira República. A escrita de uma História Pátria que estabelecesse leituras renovadas dos fatos históricos e definisse um panteão de heróis era

29 O Tico-Tico, 11 de outubro de 1922, n° 888, ano XVII.

30 ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010. p.39-40.

fundamental para a concretização do projeto político republicano³¹. Biografias de heróis voltadas para o ensino de virtudes cívicas e da história nacional tiveram como principal exemplo a obra *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*, de Silvio Romero. Publicada em 1890, a obra é a síntese da ideia de biografia como uma forma privilegiada para a instrução cívica e o ensino da história pátria às crianças³².

Outro espaço utilizado para a publicação de narrativas biográficas foi a seção de cartas, chamada de *Correspondência do Dr. Sabetudo*. Ela era um espaço de diálogo dos leitores com a revista por meio de cartas enviadas por eles à redação. Tratavam de questões diversas, que iam de curiosidades até dúvidas sobre questões políticas, históricas e científicas. Informações sobre personalidades históricas eram algumas das solicitações feitas por leitores ao *Dr. Sabetudo*, que respondia com breves biografias. A seção ocupava uma ou duas colunas de uma página e essas pequenas informações biográficas costumavam ter de 3 a 10 linhas. Mesmo não sendo um espaço específico para a publicação de biografias, o interesse demonstrado nas cartas pode indicar que havia uma demanda por esse tipo de publicação, ou que a revista desejava tornar este tipo de tema frequente em suas páginas, como forma de reforçar seu apelo educativo através de figuras tomadas como exemplares.

As informações biográficas publicadas como respostas às cartas de leitores eram sucintas, restringindo-se a dados como datas de nascimento ou morte, importância histórica e algum traço marcante da personalidade do personagem. A qualidade sumária das informações dadas aos leitores pode demonstrar que os editores estariam preocupados com a descrição de fatos, parecendo, por isso mais, que esses dados seriam mais isentos, até mesmo "científicos", por não estarem comprometidos com interpretações ou floreios narrativos. Apesar de breves, os dados biográficos apresentados aos leitores poderiam vir carregados de juízos de valor, como na resposta à carta de Maciel

31 GOMES, Angela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Op. Cit., p.85.

32 *Ibidem*, p. 111-112.

Pinheiro de Melo Franco, em que o autor da seção parece condenar a obra de Lutero, objeto da carta do leitor:

Luthero era filho de camponezes; estudou philosophia, depois entrou para um convento. Mas, continuando seus estudos, começou a atacar a religião catholica, procurando reformal-a. Negou a autoridade do papa, o culto dos santos, o purgatório e o valor da missa³³.

Ainda que direta e curta, a resposta carrega um tom de repúdio ao personagem que contestava a fé e os valores cristãos defendidos pela revista. O dissabor dos editores com o personagem histórico fica nítido ao privilegiarem sua atitude de negação à Igreja Católica. Ainda que *O Tico-Tico* não fosse uma publicação propriamente católica, como outras revistas estrangeiras que serviam de inspiração estética e pedagógica ao Tico-Tico³⁴, os comportamentos e dogmas da religião eram defendidos como fundamentais à formação religiosa do futuro homem da nação brasileira. A revista chegou a publicar biografias de santos e uma seção denominada *História Sagrada*, que começou a circular em 1909³⁵. As biografias de santos eram igualmente invocadas com o fim de enfatizar a importância da conservação de valores cristãos entre os pequenos e jovens leitores.

Aprendendo com a vida de *Homens Célebres*

Mesmo com a permanência da publicação de biografias em espaços como *Lições do Vovô* e *Correspondência do Dr. Sabetudo*, *O Tico-Tico* cria uma seção especialmente destinada à publicação de biografias já em 1909. A *Galeria dos Homens Célebres*, circulou de maneira inconstante até 1941, com leves variações de título – *Galeria de personagens célebres*, *Galeria dos Personagens Célebres da história* ou *Galeria de personagens ilustres*. Sua

33 O Tico-Tico, 26 de janeiro de 1910, Nº 225. Ano VI.

34 PIGNOT, Manon. Suzette contre Fillette: la grande guerre de deux illustrés français. In: CRÉPIN, Thierry & HACHE-BISSETTE, Françoise. *Les presses enfantines chrétiennes au XX siècle*. Paris: Artois Presse Université, 2008. p. 213.

35 O Tico-Tico, 21 de maio de 1919, nº 711, ano XIV.

criação foi propagandeada pela revista como uma resposta ao interesse dos leitores pelo assunto:

Os nossos queridos leitores escrevem constantemente ao <<Dr. Sabetudo>>, perguntando-lhe quem foi Alexandre, quem foi Nero; em summa, pedindo informações sobre homens que deixaram na história do mundo nome famoso.

É muito natural essa curiosidade das crianças pelos grandes vultos históricos; mas, como o <<Dr.Sabetudo>> não dispõe de espaço na secção para tão longas explicações, resolvemos crear uma nova secção que começa neste número com o título Galeria dos Homens Célebres.

Nesta secção daremos retratos e biographias de todos os homens notáveis, explicando o que eram e por que motivo se tornaram célebres³⁶.

A seção remete a uma tradição de “livros-galeria”, que apresentavam pequenos perfis biográficos de personalidades históricas, artísticas e científicas. Tais livros começaram circular no país na segunda metade do século XIX. A *Galeria Pitoresca de Homens Célebres*, de J. Ph. Anstett, foi publicado pela primeira vez em 1873, pela Editora Laemmert. O livro continha retratos e biografias de homens notáveis pelos seus feitos na história. No prólogo, os editores indicavam este tipo de leitura a todos aqueles que desejavam ocupar uma “posição digna” na sociedade, sendo imprescindível ao público ilustrado³⁷. Outra obra de referência nesta tradição foi a *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, escrita pelo francês Sébastien Auguste Sisson, editada entre os anos de 1858 e 1861. É possível que os editores utilizassem tais livros como fonte para compor as seções que, inclusive, repetiam no título essa referência.

O primeiro número da seção apresentou a biografia de Jacquard, inventor das máquinas de fiar na França. Ela foi publicada em quadrinhos, linguagem pouco frequente na seção, mas muito utilizada pela revista. A biografia se inicia com um relato de sua infância, quando o gosto pela mecânica teria começado a florescer. A narrativa é construída em sentido teleológico, em que cada fase da vida do personagem é apresentada como um momento

36 O Tico-Tico, 7 de abril de 1909, Nº 183, Ano V.

37 ANSTETT, J. Ph. *Galeria Pitoresca de Homens Célebres de Todas as Nações e Épocas*. Rio de Janeiro: Laemmert & Co, [s/d].

decisivo em sua trajetória como inventor. A ideia que se constrói na narrativa é a do gênio que já se revela na infância e que se constitui enquanto tal, lógica e racionalmente, na idade adulta. A trajetória de Jacquard apresenta também tom moralista e pedagógico, reforçando valores como o trabalho e a dedicação. A superação das adversidades, traço característico das narrativas biográficas na revista, ganha destaque: “Era muito pobre, mas, apesar d’isso, sua grande preocupação era fazer machinismos. Empregou se como aprendiz em casa de um typographo e alli passava as horas vagas, procurando um meio de fazer typos, sozinho”³⁸.

Na tentativa de difundir uma moral fundada na superação a partir do esforço e dedicação, os responsáveis pela seção procuravam enfatizar a trajetória de personagens que teriam ultrapassado a barreira da pobreza, assim como no exemplo de Jacquard. Essa ideologia do *self made man*, aparece com ainda mais força nas biografias de inventores e cientistas. No número da *Galeria* dedicado a Robert Fulton, criador do navio a vapor, mais uma vez o sucesso futuro do personagem é elaborado a partir de um episódio de superação pessoal, representado pela narrativa em torno do falecimento de seu pai. A tragédia familiar teria garantido senso de responsabilidade ao jovem que, além de se esforçar nos estudos, precisava também trabalhar para o sustento de sua família: “Mal sabendo ler, escrever e contar, consagrava Fulton suas noites ao estudo, sem professor algum de sciencias, para as quais tinha bastante inclinação [...]”³⁹.

Nos textos da seção era comum ver a associação entre o estudo, o trabalho e a superação das adversidades financeiras. Esses aspectos eram constantemente mobilizados na defesa de uma moral liberal, em torno de valores que hoje podemos classificar como meritocráticos. O Estado não aparece em nenhum momento como o facilitador ou organizador das relações entre educação, trabalho e sucesso financeiro. Ao contrário, essa relação é

38 O Tico-Tico, 7 de abril de 1909, Nº 183.

39 O Tico-Tico, 10 de dezembro de 1909. Nº 214.

construída nas narrativas de modo a sugerir aos leitores que as condições materiais de vida não impediriam o sucesso individual, visto este depender apenas da vontade e do esforço pessoal. A preguiça e o desinteresse é que seriam responsáveis por levar o homem a uma vida medíocre e insignificante.

É interessante assinalar que, ainda que não seja possível apontar com precisão o perfil dos leitores da revista, já que a circulação de impressos naquele contexto poderia alcançar um grande número de leitores, circulando por espaços escolares, familiares e por grupos de amigos, é pouco provável que os leitores do periódico passassem por dificuldades financeiras como as descritas nessas histórias de vida. A revista era voltada para meninos leitores, o que já representa uma clivagem social bastante aguda, num país que apresentava taxas elevadas de analfabetismo. A mensagem contida nessas narrativas seria, portanto, uma forma de reforçar o ideal burguês e liberal e não de criar uma identificação entre personagem e leitor.

Líderes militares, políticos e conquistadores recebiam grande atenção dos autores da seção. Nestes perfis biográficos exaltava-se o gênio e o conhecimento de táticas militares, a coragem, a autoridade e a firmeza do caráter, tidos como princípios essenciais na formação de um grande líder. Um exemplo de líder venerado, George Washington ganhou uma edição especial ilustrada na seção. Ele é apresentado como figura principal no processo de independência norte-americano e no estabelecimento da República daquele país. Sua vocação militar, aliada à fidelidade à República, teriam feito de George Washington um homem destacado no *hall* das personalidades históricas:

Ha, com effeito, poucos exemplos de homens que tendo exercido o poder militar e o poder civil com faculdades soberanas, não tivessem abusado de sua autoridade. Julio Cesar, Cromwell e Napoleão não souberam resistir a essa tentação; collocados no mais alto posto de Repúblicas florescentes, quizeram fazer-se imperadores e sacrificaram a liberdade do povo à sua própria vaidade.

Washington assim não foi; dispondo de autoridade sem limites, não teve orgulho, nem ambição⁴⁰.

40 O Tico-Tico, 25 de julho de 1917, nº 616.

Na biografia de George Washington faz-se uma associação da República à ideia de liberdade, que foi muito frequente na revista durante suas primeiras décadas de circulação. A independência, e a consequente superação da dominação colonial com a implantação de uma república eram temas bastante caros à revista e se destacavam diante da necessidade de afirmar o regime estabelecido recentemente no Brasil. Sem o apoio popular e diante da tarefa de constituir um novo panteão de heróis, uma saída era relacionar figuras ligadas ao tema da liberdade, ainda durante o passado colonial, à ideia de República⁴¹. Tal operação foi muito frequente, por exemplo, com Tiradentes⁴².

As narrativas da *Galeria dos Homens Célebres* seguiram um padrão bem próximo ao das narrativas biográficas positivistas. Nestas, o foco da narrativa se dirigia à dimensão pública, ao invés da dimensão privada do personagem, diferentemente do observado em outros casos. Aspectos da vida privada, quando utilizados, serviam apenas para ressaltar a construção de sua personalidade pública que, sob uma perspectiva teleológica, determinava seu lugar heroico na história. Havia uma confiança de que aquela descrição representava os aspectos mais significativos de uma vida.

Estas biografias se tornavam significantes na medida em que possibilitavam a afirmação do culto à nação, visto como uma dimensão histórica universal. Na *Galeria dos Homens Célebres*, a publicação de histórias de vida de personalidades estrangeiras, que representavam valores e princípios modernos provenientes das nações mais avançadas do globo, buscavam representar esta dimensão universal. Por outro lado, a seção não publicou biografias de personagens históricos nacionais, objeto de crítica dos leitores.

Outra ausência eram as biografias de mulheres. As meninas não eram foco da pedagogia da revista. A elas caberia o lugar de mãe de família; sua

41 GONTIJO, Rebeca & MAGALHÃES, Marcelo de Souza. O presente como problema historiográfico na Primeira República em dois manuais escolares. *Revista História Hoje*, V. 2, Nº 4, pp. 81-101, 2013. DOI: [10.20949/rhhj.v2i4.91](https://doi.org/10.20949/rhhj.v2i4.91) Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/91>. Acesso em: 05/10/2020, p. 82.

42 CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.55-73.

instrução, ainda que importante, não seria essencial para os rumos da nação. Caberia aos homens, visto como os futuros cidadãos, serem educados nos valores e conhecimentos universais e nacionais; às mulheres, reservava-se a organização da vida privada. A primeira biografia feminina publicada pela seção foi de Maria Stuart, no número 325, de 1911⁴³, respondendo a solicitação feita por uma leitora na *Correspondência do Dr. Sabetudo*, em 1909. Segundo a revista, sua biografia seria publicada em breve “conquanto se trate de uma mulher”⁴⁴, mas só apareceu na seção quase dois anos depois. Outro caso emblemático foi a da Imperatriz Maria Luiza, esposa de Napoleão Bonaparte, que recebeu críticas por sua conduta de mãe e esposa, deixando claro que não podia ser considerada um modelo a ser seguido pelas leitoras. Sua biografia deveria servir como um contra exemplo às leitoras sobre como não se deve agir como mulher:

Maria Luiza nem foi boa esposa, nem boa mãe; como esposa, ella nunca deveria ter abandonado o marido no momento do perigo, como fez em 1814, partindo para Áustria quando Napoleão lutava, quasi sem esperança para salvar a França; como mãe, o seu dever era zelar pelos interesses de seu filho no logar de abandonal-o nas mãos dos inimigos de Napoleão, indo ella viver tranquillamente em Parma [...]⁴⁵

Em 1918, uma seção destinada a perfis biográficos nacionais começou a circular na revista de maneira esporádica. Chamada de *Brasileiros Illustres* ou *Galeria dos Brasileiros Illustres*, esta seção ganhou menos espaço na revista do que a *Galeria dos Homens Célebres*. Ela ocupava apenas uma coluna da página e publicava sempre um retrato, geralmente a ilustração simples de um busto do biografado. O primeiro número da seção foi dedicado a André Vidal de Medeiros, general brasileiro que se destacou na luta contra os invasores holandeses em Pernambuco⁴⁶.

Apesar do pouco espaço que receberam, algumas figuras, ganharam maior destaque na seção, como é o caso da biografia de Duque de Caxias,

43 O Tico-Tico, 26 de dezembro de 1911, N° 325.

44 O Tico-Tico, 9 de junho de 1909, N° 196.

45 O Tico-Tico, 24 de janeiro de 1912. N° 324.

46 O Tico-Tico, 6 de março de 1918, N° 648.

publicada em setembro de 1918⁴⁷. Ela foi publicada ao lado das fotografias de dois leitores, cada uma em seções denominadas *Galeria de nossos leitores* e *Galeria da Infância*, espaço pouco frequente para os perfis biográficos. Localizar cada uma a história de vida do militar e as fotografias dos jovens leitores, ambas em seções sob o título de *Galerias*, indica a tentativa de aproximar os meninos – representantes dos leitores da revista como um todo – da personalidade de Caxias, em uma indicação de que qualquer jovem poderia ser também um dia considerado herói de seu país.

Outra biografia que ganhou destaque na mesma seção foi a de Tiradentes, chamada “Tiradentes, o martyr da Independência do Brasil”. A figura de Tiradentes era muito frequente n’*O Tico-Tico*, aparecendo como destaque nas *Lições do Vovô*, em seções de história pátria e mesmo em espaços aleatórios da publicação. Esta narrativa ganhou maior espaço em comparação a outros perfis biografados na *Galeria de Brasileiros Illustraes*. Ela é apresentada aos leitores em uma perspectiva moralista, que apela para o civismo. Após a descrição breve da vida do personagem e dos acontecimentos da Inconfidência que levaram à sua condenação, a narrativa se encerra com um claro apelo cívico:

O Brasil, no culto ardente de seus filhos, não esquece nem esquecerá Tiradentes, que soube ser forte, leal para com seus companheiros e sobretudo cercar-se de estoica coragem diante da fereza de seus juizes e algozes, Glória, assim meninos, ao martyr da Independência, ao precursor da liberdade tão majestosamente alcançada em 1822⁴⁸.

Entre as décadas de 1920 e 1930, essas seções perderam espaço no interior da revista e foram raras as suas aparições nas páginas d’ *O Tico-Tico*. Isso não significa que as biografias tenham desaparecido totalmente. Elas continuam a aparecer em homenagens nas *Lições do Vovô* ou em seções sobre a história pátria. Em 1939, as publicações da *Galeria dos Homens Célebres* ganharam novo fôlego, passando a ocupar cerca de meia página. As biografias

47 O Tico-Tico, 25 de setembro de 1918, Nº 677.

48 O Tico-Tico, 12 de outubro de 1917, Nº 1149.

também se tornaram protagonistas de jogos e concursos que buscavam instigar os leitores para as histórias de vida dos personagens ilustres da história. Marcia Gonçalves comenta sobre o boom bibliográfico a partir da década de 1930 e como ele se relaciona a mudanças nas formas narrativas do gênero⁴⁹. Infelizmente, analisar suas características não caberia no espaço e objetivos estabelecidos neste artigo.

Considerações Finais

Narrativas do passado voltadas para a aquisição de valores e fontes de exemplaridade, como as observadas na revista O Tico-Tico, foram a estrutura característica da educação histórica, desde que a história se transformou em disciplina escolar ainda durante o século XIX. Ela não foi atributo apenas da produção historiográfica desenvolvida sob os ditames do método histórico, mas esteve disseminada em diferentes espaços e públicos que demandavam narrativas sobre o passado. Essas narrativas buscavam construir um sentido, ao mesmo tempo pedagógico e político, pelo uso de estratégias de persuasão e convencimento⁵⁰. Para Jörn Rüsen esse tipo de narrativa é uma peculiaridade da narração histórica, ajudando a definir o campo da consciência histórica e mesmo realizando a unidade do tempo⁵¹. Elas se destacariam na formação da identidade, na medida em que generalizam modelos de experiência do tempo, ao mesmo tempo em que disseminam padrões de virtude e vício⁵². Neste sentido, as biografias tiveram uma importância fundamental na construção de um regime de verdade, que ajudava a reforçar valores e intenções políticas sobre o passado através de trajetórias que postulavam serem racionais e

49 GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 97.

50 GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza & GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 41.

51 Para Rüsen, mesmo as narrativas históricas exemplares teriam o potencial de garantir a continuidade histórica. RÜSEN, Jörn. Narração histórica: fundações, tipos, razão. In: MALERBA, Jurandir. *História e narrativa. A ciência e a arte da escrita histórica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 57.

52 Ibidem, p. 50-51.

lineares. A narrativa biográfica aparecia como modelo de uma “cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incerteza”⁵³.

Sob distintos matizes, essa estrutura também se fez presente ao longo do século XX em diversos espaços, escolares ou não, e convivendo com outras formas de significação do tempo. O presentismo do regime contemporâneo nos coloca diante de outras formas de experimentar o tempo, sem excluir o convívio com outros procedimentos e usos sociais e políticos do passado. A expansão de narrativas memorialísticas, de testemunhos e de elementos patrimoniais mostra a presença cada vez mais forte da memória e de seus efeitos tanto na escrita da história como na história ensinada⁵⁴. Christian Laville⁵⁵ chama atenção para essa presença marcante da memória no ensino da história e propõe uma reflexão sobre sua importância para a construção de uma história compartilhada. Ele atenta, no entanto, para os perigos do retorno de discursos históricos unificadores e legitimadores do passado, tal como observamos em certas leituras biográficas realizadas pela revista *O Tico-Tico* no período estudado.

Interesses de grupos privados e de políticos conservadores ainda hoje visam retomar as narrativas nacionais, suplantando as identidades particulares, em franca oposição à ideia do ensino da história enquanto espaço para a formação de cidadãos críticos e autônomos. A atenção de Christian Laville é pertinente e deve ecoar no Brasil de hoje, marcado por projetos de silenciamento de minorias, sob o lema “Deus acima de todos, Brasil acima de tudo”. E também das tentativas de estabelecimento de novos heróis, como o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, chefe do DOI-CODI durante a ditadura civil-militar, citado como grande patriota e “homem de honra” por autoridades

53 LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. *Op. Cit.*, p. 169.

54 GUIMARÃES, Manoel Salgado. Escrita da história e ensino de história: tensões e paradoxos. In: GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza & ROCHA, Helenice. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 43-44.

55 LAVILLE, Christian. Em educação histórica, a memória não vale a razão. *Educação em revista*. Belo Horizonte, V. 41, p. 13-41, Jun. 2005.

do país. O apagamento ou silenciamento de diversos grupos quanto a momentos sensíveis e traumáticos da história sob o argumento de uma necessária “reescrita da história” torna ainda mais urgente refletir sobre a presença dessas narrativas na consciência histórica⁵⁶ e nas leituras oficiais sobre o passado⁵⁷. Para o autor, um dos caminhos seria o engajamento dos profissionais da história em resistir às memórias impostas por agentes externos, tendo em vista que um trabalho crítico sobre a memória histórica contribui para o amadurecimento de noções de liberdade e independência de espírito.

Arelada à memória e às múltiplas identidades, as biografias possuem uma possibilidade construtiva de produzir essa história compartilhada que sugere o autor. Ao contrário da experiência que vimos na revista *O Tico-Tico*, as biografias são capazes de revelar a complexidade das identidades, a não linearidade e as contradições dos sujeitos. Seu uso educativo, na contramão dessa noção de exemplaridade, pode ajudar a romper com o excesso de coerência no discurso histórico, mostrando-se uma forma privilegiada de interrogação sobre as possibilidades do passado e sobre os espaços de escolha dos personagens históricos.

Recebido em 27 de setembro de 2021

Aceito em 25 de novembro de 2021

56 RÜSEN, Jörn. “Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão”. In: BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende & SCHMIDT, Maria Auxiliadora (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2011.

57 Para essa reflexão empreendemos o conceito tal como proposto por Jörn Rüsen, que estabelece o exercício da memória como uma das manifestações da consciência histórica, necessárias no processo de formação de identidade e orientação da vida prática.